

AÇÕES EDUCATIVAS NO ESPAÇO DO CONHECIMENTO UFMG

EDUCATIONAL ACTIONS IN ESPAÇO DO CONHECIMENTO UFMG

Bárbara Freitas Paglioto

Universidade Federal de Minas Gerais
Belo Horizonte, MG, Brasil
bfpaglioto@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-2516-1401>

Sibelle Cornélio Diniz

Universidade Federal de Minas Gerais
Belo Horizonte, MG, Brasil
sibelled@cedeplar.ufmg.br
ORCID 0000-0002-3183-3588

Evelyn Cristine dos Santos Alvares

Universidade Federal de Minas Gerais
Belo Horizonte, MG, Brasil
evelyn.csa23@gmail.com
<https://orcid.org/0009-0004-0018-3086>

Tamires Batista Silveira

Universidade Federal de Minas Gerais
Belo Horizonte, MG, Brasil
tamssilveira@gmail.com
<https://orcid.org/0009-0009-8759-9258>

Jonathan Philippe Barboza dos Santos

Universidade Federal de Minas Gerais
Belo Horizonte, MG, Brasil
jphilippe@gmail.com
<https://orcid.org/0009-0002-1781-9752>

Wellington Luiz Silva

Universidade Federal de Minas Gerais
Belo Horizonte, MG, Brasil
wellington.scliar@gmail.com
<https://orcid.org/0009-0003-9502-2789>

Priscila Gabriele Martins Silva

Universidade Federal de Minas Gerais
Belo Horizonte, MG, Brasil
priscilamartins.gms@gmail.com
<https://orcid.org/0009-0006-2035-7949>



RESUMO

Aberto ao público em 2010, o Espaço do Conhecimento UFMG é um dos espaços de cultura e divulgação científica da Universidade. Em sintonia com as diretrizes contemporâneas da extensão universitária e da educação não formal, as práticas educativas nesse espaço têm como objetivos centrais a democratização do conhecimento acadêmico e o compartilhamento e cocriação de saberes com os diversos públicos. Este texto apresenta e discute as atividades desenvolvidas pelo Núcleo de Ações Educativas, Acessibilidade e Pesquisa de Público do museu. Além do relato dessas práticas, o texto traz considerações sobre seus desafios e potencialidades, destacando tanto as ações desenvolvidas presencialmente quanto aquelas executadas em meios virtuais, durante o período de distanciamento social.

Palavras-chave: Ações educativas, Museus, Educação não formal, Divulgação científica..

ABSTRACT

Espaço do Conhecimento UFMG is one of the University's spaces of culture and scientific divulgation. In line with the contemporary guidelines of university extension and non-formal education, the educational practices in this space have as central objectives the democratization of academic knowledge and the sharing and co-creation of knowledge with different audiences. This text presents and discusses the activities developed by the Museum's Núcleo de Ações Educativas, Acessibilidade e Pesquisa de Público. In addition to reporting these practices, the text brings considerations about their challenges and potential, highlighting both the actions developed in person and those carried out on the internet and social networks, during the period of social distance.

Keywords: Educational actions, Museums, Non-formal education, Scientific divulgation.

Introdução

O Espaço do Conhecimento UFMG é um dos espaços de cultura da Universidade Federal de Minas Gerais, voltando-se à divulgação científico-cultural, à valorização e à produção de saberes. É vinculado à Pró-Reitoria de Cultura e integra o Circuito Liberdade, conjunto de museus e centros culturais localizados no entorno da Praça da Liberdade, em Belo Horizonte.

Aberto ao público em 2010, o prédio do Espaço do Conhecimento UFMG conta com uma fachada digital, um planetário e um terraço astronômico, além de três andares de exposição. A exposição de longa duração, "Demasiado Humano", acolhe temas diversos, como a origem do universo e a diversidade linguística brasileira. E pretende, assim, apontar os modos como nossa civilização vê e constrói o mundo em uma miríade de formas – poéticas, filosóficas, científicas e tecnológicas, tradicionais e modernas. Além dessa mostra de longa duração, o museu abriga exposições temporárias, que abordam diversos temas e curadorias. As mostras de curta duração e a programação de atividades permitem o estabelecimento de relações com diversos projetos da Universidade¹.

Do ponto de vista do funcionamento das atividades, o Espaço do Conhecimento UFMG é um programa de extensão da Universidade, formado por cinco projetos que correspondem aos núcleos de trabalho no museu: I) Ações Educativas, Acessibilidade e Pesquisa de Público; II) Astronomia; III) Audiovisual; IV) Comunicação e Design; e V) Expografia. Os projetos contam com a coordenação de professores de diferentes departamentos da UFMG, assessores, além de equipe de assistentes, estagiários e bolsistas. A equipe do museu é composta, ainda, por um Setor Administrativo, um Setor de Produção e uma Secretaria, sendo estes vinculados à Diretoria do Espaço.

O presente texto trata das atividades desenvolvidas pelo Núcleo de Ações Educativas, Acessibilidade e Pesquisa de Público do Espaço do Conhecimento UFMG. As atividades do Núcleo são planejadas e executadas por equipe composta majoritariamente por estudantes de diversos cursos de graduação da UFMG. A equipe, de forma interdisciplinar, busca mediar a relação entre público e museu e formar novos públicos por meio de visitas espontâneas e agendadas - essas últimas realizadas por turmas de estudantes de escolas públicas e privadas de todas as idades, bem como por turmas de instituições filantrópicas.

Em sintonia com as diretrizes contemporâneas da extensão universitária (Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras [FORPROEX], 2012) e da educação não formal (Gohn, 2006; Marandino, 2008), o trabalho do Núcleo tem como objetivos centrais a democratização do conhecimento acadêmico e o compartilhamento e cocriação de saberes com os diversos públicos. O desenvolvimento das ações parte ainda da compreensão de que os museus são espaços de encontro, troca e debate onde o público deve se tornar protagonista (Castelfranchi, 2016). Além do relato dessas práticas, o texto traz

¹ Desde 2010, o Espaço do Conhecimento UFMG abrigou 25 exposições temporárias que ocuparam o segundo andar, as escadas e o hall do quinto andar do museu. A mostra que ocupa atualmente o segundo andar do museu, "Mundos Indígenas", foi inaugurada em dezembro de 2019 e concebida por curadores de cinco povos indígenas – Yanomami, Ye'kwana, Xakriabá, Maxakali e Pataxóop –, que apresentam seus modos de viver, saber e cuidar. A exposição foi pensada em articulação com os projetos Saberes Indígenas na Escola, Observatório da Educação Escolar Indígena e Núcleo de Estudos Quilombolas e Indígenas, e com a Formação Intercultural para Educadores Indígenas (FIEI).

considerações sobre seus desafios e potencialidades, destacando tanto as ações desenvolvidas presencialmente quanto aquelas executadas em meios virtuais, durante o período de distanciamento social.

DIRETRIZES EDUCATIVAS NO ESPAÇO DO CONHECIMENTO UFMG

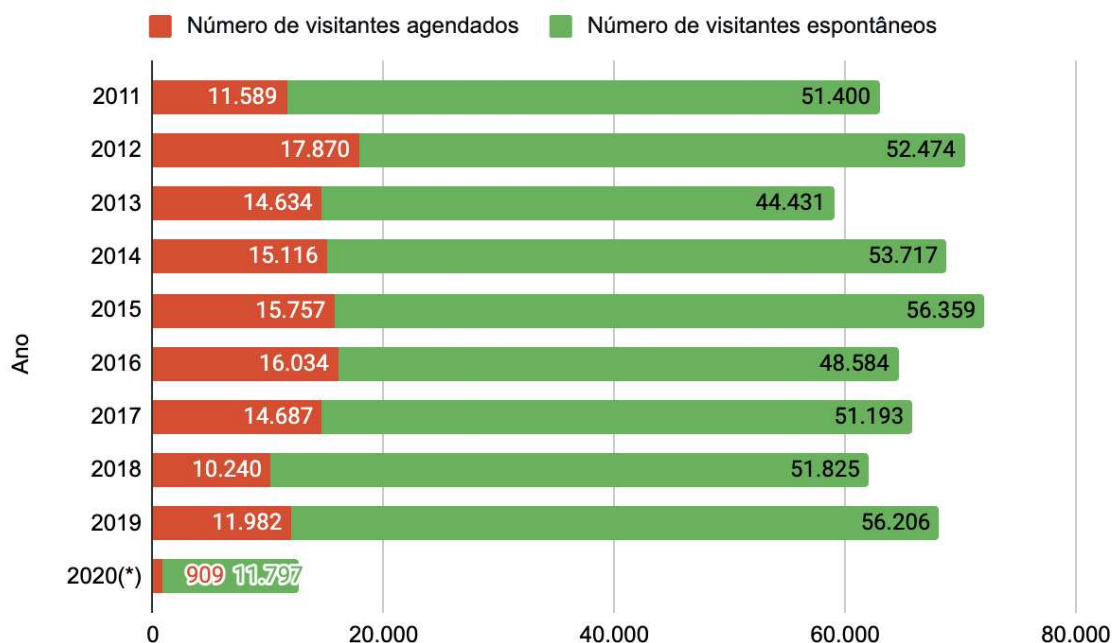
As ações educativas são elementos fundamentais no processo de comunicação dos museus e devem ser entendidas como formas de mediação entre o sujeito e o bem cultural ou científico, facilitando a sua apreensão pelo público e o desenvolvimento de sua consciência crítica, ampliando suas possibilidades de expressão e gerando respeito e valorização pelo patrimônio (Secretaria de Cultura de Minas Gerais [SECULT], 2006). Nesse sentido, a prática educativa possui papel imprescindível para o funcionamento pleno de um museu, permitindo estreitar e fortalecer as relações entre o público e as exposições e irradiando diretrizes para os demais núcleos de trabalho da instituição.

O trabalho do Núcleo de Ações Educativas do Espaço do Conhecimento UFMG consiste na mediação dos conteúdos expostos no museu aos diferentes públicos que o frequentam. Além disso, o Núcleo é responsável pela maior parte da programação de eventos que acontece no museu aos finais de semana e em períodos e datas específicas, como férias escolares, feriados e datas comemorativas. Essa programação envolve oficinas, exibição de documentários, contações de histórias, percursos pela exposição e ações de acessibilidade, entre outros.

Entre 2010 e março de 2020², o Espaço do Conhecimento UFMG recebeu cerca de 600 mil visitantes (Gráfico 1). Boa parte desse público é formada por visitantes espontâneos, principalmente grupos familiares e de amigos. O contato desses visitantes com os integrantes do Núcleo de Ações Educativas ocorre por meio da participação nas atividades da programação e de conversas com os mediadores presentes na área de exposição durante a visita. O público espontâneo do Espaço é composto, em grande parte, por residentes do entorno do museu e por pessoas vinculadas à UFMG; é formado, ainda, por turistas e residentes de Belo Horizonte e Região Metropolitana, predominando visitantes com alta escolaridade (Guimarães & Diniz, 2019).

² O museu foi fechado ao público em março de 2020, em função da pandemia de covid-19, e manteve suas atividades de maneira remota até dezembro de 2021.

Gráfico 1 - Público anual do Espaço do Conhecimento UFMG



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Espaço do Conhecimento UFMG.

(*) dados até 17 de março de 2020, quando o museu foi fechado em função da pandemia de covid-19.

A outra parte do público corresponde a grupos escolares de instituições públicas e privadas que agendam visitas ao museu. Diferentemente do que ocorre com o público espontâneo, a visitação escolar permite a aproximação do museu com públicos bastante diversos, bem como a formação de novos públicos. Em 2019, o Espaço do Conhecimento UFMG recebeu 323 grupos escolares via agendamento, totalizando 11.982 estudantes (Tabela 1). Desses estudantes, 46% vieram de escolas municipais, 27%, de escolas particulares, 23%, de escolas estaduais, 1%, de escolas federais e 3%, de outras instituições. Ou seja, dentre os estudantes de grupos agendados que estiveram no museu em 2019, cerca de 70% eram do ensino público, desde a educação infantil até a educação de jovens e adultos³.

Os bolsistas de extensão, estudantes de graduação da UFMG, de diferentes cursos, atuam no contato direto com o público, como mediadores⁴. Esse trabalho se orienta por uma noção de mediação amparada no diálogo, na dúvida e na coconstrução de conhecimentos.

³ É comum recebermos estudantes que nunca haviam visitado um museu ou espaço cultural e/ou que nunca haviam saído do bairro ou da regional onde moram. Muitos desses alunos também não sabem da existência de uma universidade federal pública e gratuita em Belo Horizonte. O trabalho educativo é também de expansão de horizontes para esses visitantes, estimulando-os a serem futuros universitários, cientistas, artistas e (por que não?) educadores de museus.

⁴ No momento da escrita deste artigo, o Núcleo conta com 21 bolsistas ligados à Pró-Reitoria de Extensão da UFMG. A equipe possui, ainda, 1 bolsista de iniciação científica, 2 bolsistas ligados a um projeto de acessibilidade e inclusão apoiado pelo NAI/UFMG, 1 intérprete de LIBRAS, 2 estagiárias, 2 assistentes e 1 assessor, além da professora coordenadora.

A mediação constitui processo de qualificação da interatividade nos museus e centros de ciências. (...) Nesse sentido, mediar não é informar e fornecer respostas aos visitantes, mas promover diálogos que possibilitem a todos avançarem naquilo que já conhecem, sempre com a ajuda de alguém que conhece mais. Mediar é a ação do outro que ajuda a aprender, a dar um passo adiante naquilo que já se conhece (Moraes *et al.*, 2007, p. 56).

As ações se orientam, ainda, pela Política Nacional de Extensão Universitária (FORPROEX, 2012), no que diz respeito à produção de conhecimento a partir da interação com a sociedade, do diálogo e da troca de saberes, desconstruindo-se uma posição exclusivista da Universidade, ao mesmo tempo em que se reconhece o papel da interdisciplinaridade diante da complexidade das questões que se colocam nesse processo de abertura. Além disso, assume-se o protagonismo do estudante em sua formação, tanto técnica quanto cidadã, ressignificando-se os tempos e espaços de aprendizagem (Siveres, 2013).

Além de um espaço de extensão universitária, o museu se coloca, também, como ambiente de educação não formal. O conceito de educação não formal tem como chaves a interação intencional e voluntária e o compartilhamento de experiências, com base em tempos e espaços flexíveis; ademais, "seus objetivos não são dados *a priori*, eles se constroem no processo interativo, gerando um processo educativo" (Gohn, 2006, p. 29). Trata-se, portanto, de um exercício de cidadania com base nos interesses e necessidades dos grupos, de modo a dar condições para que os indivíduos desenvolvam laços de pertencimento e sentimento de autovalorização, respeitando suas diferenças raciais, étnicas, religiosas e culturais. Importa, assim, a reflexão sobre os diferentes modos de agir e pensar e sobre os símbolos e representações que dão sentido às ações.

Figura 1 - Visita de grupo escolar à exposição "À Margem", no segundo andar do Espaço do Conhecimento UFMG



Fonte: Acervo do Espaço do Conhecimento UFMG.

Sposito (2008) considera a educação não formal como "educação permanente", uma vez que não ocorre em um momento específico do ciclo de vida, mas é aberta a todos, crianças, jovens, adultos e idosos, como sujeitos em formação. A partir do contato entre diferentes públicos e gerações, a educação não formal pode ser entendida ainda como espaço de experimentação, movimentação, improvisação e construção de novos paradigmas educacionais. Nesse sentido, os espaços de educação não formal que realizam ações de divulgação científico-cultural buscam, cada vez mais, deixar de serem espaços de contemplação passiva e se abrir para o protagonismo dos visitantes, que definem temas e formulam noções próprias a partir das quais se dá a interação com os objetos e as trocas com seus interlocutores.

Para Marandino (2008), os museus são identificados como espaços de educação não formal, por possuírem características próprias para a sua prática educativa. O processo educativo dos museus possui a sua particularidade em função dos elementos lugar, tempo, objeto e linguagem. Esses elementos estão presentes na pedagogia museal e devem ser levados em consideração pelas equipes educativas na elaboração de suas práticas. Em relação ao lugar, o espaço físico do museu interfere na relação do visitante com a exposição e na forma como a visita é realizada. O tempo de visita é, em geral, breve, por isso a necessidade de pensar em estratégias de comunicação para qualificar esse momento. Em relação aos objetos, a ação educativa deve favorecer o acesso a eles, oferecendo sentidos e possibilidades de leituras, e, por meio disso, levar à sensibilização e apropriação, por parte do público, dos conhecimentos expostos. Já o elemento linguagem se materializa, no museu, em textos, imagens e outras instalações, produzidos a partir da "transposição museográfica" do conhecimento para as exposições (Marandino, 2008).

Soares (2015), ao tratar de uma "visão escolarizada" do museu, por parte dos diferentes grupos envolvidos, chama a atenção para o fato de que esse olhar se estabeleceu, principalmente, nos museus que contêm temáticas próximas dos conteúdos escolares, tais como história e ciências. Nesse sentido, um dos grandes desafios da atuação do Núcleo de Ações Educativas está na construção de uma divulgação da ciência na qual o público não seja um mero espectador e a comunicação não seja apenas uma propagação de informações. Nesses termos, a divulgação da ciência deve ter um aspecto formador, visando estimular as pessoas a participar do debate, a se apropriar dos conceitos e conhecimentos e aplicá-los em seu dia a dia, bem como desenvolver uma visão crítica sobre os processos de construção da ciência. Vale lembrar que informações científicas e técnicas são cruciais como fundamentação de debates éticos, econômicos, ambientais, sanitários e políticos, além de possuírem valor em si mesmas, como parte da cultura científica da qual todos têm direito a fazer parte (Castelfranchi, 2010, 2016).

Por essa perspectiva, as instituições escolares são parceiras importantes para a formação de público e participação de crianças e jovens em ações de divulgação científico-cultural. Como mencionam Pereira *et al.* (2007, p. 38), "as escolas são grandes beneficiárias de atividades museológicas, são também elas grandes colaboradoras dos museus". A contribuição das escolas, assim, não se restringe aos números de público, já que, a partir das suas visitas e intervenções, lançam olhares questionadores sobre os acervos e as práticas dos museus, o que por vezes gera uma reflexão e modificação de ações por parte da instituição. Por outro lado, os museus propõem atividades e formações que permitem aos professores repensar e ressignificar o seu olhar sobre esse espaço, ampliando a percepção desse local para ilustrar o conteúdo abordado em sala de aula (Pereira *et al.*, 2007).

Nesse processo, os mediadores ocupam papel central, sendo responsáveis por qualificar a visita e tornar os visitantes protagonistas do processo, considerando os seus conhecimentos e engajando-os de forma afetiva e cognitiva (Moraes *et al.*, 2007). O mediador é, portanto, o responsável por auxiliar o visitante no processo de reconstruções (Carletti, 2016).

Ações desenvolvidas pelo núcleo de ações educativas do espaço do conhecimento ufm

Visitas agendadas

A equipe do Núcleo de Ações Educativas se organiza para realizar o atendimento a grupos escolares e de outras instituições, por meio do processo de agendamento de visitas. O Espaço do Conhecimento UFMG realiza visitas agendadas de terça a sexta-feira, pela manhã e à tarde (grupos de até 90 pessoas, por turno) Aos sábados as visitas agendadas ocorrem pela manhã (porém com grupos de até 45 pessoas). Especialmente na quarta, as visitas também ocorrem à noite, no período de 19 às 21 horas, porém o museu fica fechado ao público espontâneo, realizando exclusivamente o atendimento de grupos agendados, em geral, da Educação de Jovens e Adultos (EJA)⁵.

As visitas agendadas são compostas por uma sessão no planetário e pela visita mediada à exposição de longa duração e à exposição temporária em cartaz. Parte das vagas do agendamento são reservadas para projetos junto a parceiros vinculados às esferas públicas, como secretarias municipais e estadual de educação e o Circuito Liberdade.

Figura 2 - Registro de visita escolar ao Espaço do Conhecimento UFMG.



Fonte: Acervo do Espaço do Conhecimento UFMG.

⁵ O agendamento ocorre por meio de formulário *online*, disponibilizado trimestralmente no *site* do Espaço do Conhecimento UFMG. As datas de agendamento são disponibilizadas no *site*, no início de cada ano. Buscando-se democratizar a participação no agendamento, o formulário fica aberto para preenchimento por um período de 24 horas e, em seguida, ocorre um sorteio público das vagas, entre os que preencheram o formulário. O sorteio é transmitido ao vivo no canal do museu no *Facebook* e/ou *YouTube*.

Como uma maneira de preparação para a visita, após o agendamento, os professores responsáveis pelos grupos são convidados a participar de um encontro com a equipe educativa do museu. Nesse momento, é realizada uma visita mediada ao museu, para que os educadores possam conhecer as exposições e o planetário, seguida de uma conversa sobre as perspectivas educativas do Espaço, a organização do Núcleo, o planejamento das visitas e a troca de experiências. Essa reunião, que ocorre trimestralmente, busca equalizar as expectativas em relação à visita, além de se constituir como uma ocasião em que os professores podem fruir a exposição, sem as preocupações que os acompanham durante a visita com os seus alunos.

Programação de atividades educativas e culturais

Aos fins de semana, feriados e datas comemorativas, o Núcleo realiza ações voltadas para o público espontâneo. Essas atividades abordam temas diversos abarcados pelas exposições e ajudam a renovar o olhar sobre o acervo. Muitas dessas ações são propostas pelos próprios mediadores e desenvolvidas com o auxílio de toda a equipe do Núcleo⁶. Parte dessas atividades se desenvolve, ainda, em parceria com pesquisadores ligados às exposições temporárias.

Alguns exemplos dessas atividades são: visitas mediadas com foco em distintos pontos das exposições; "Contações de histórias" inspiradas em narrativas presentes nas exposições; "Oficinas de ciência e arte", que abordam, de forma didática e lúdica, temas que atravessam as exposições, tanto a partir da ciência quanto das artes; "Cine debates transversais", responsável por apresentar documentários que fomentam debates interessantes entre público e equipe; "Clubinho de leitura", que propõe um espaço de encontro e leitura para crianças e outros interessados por livros infanto-juvenis.

Além disso, ao longo dos anos, foram desenvolvidos percursos temáticos de mediação nas exposições. Por exemplo, o percurso "Território Negro" aborda as diferentes perspectivas da cultura negra, dos povos africanos e da diáspora, e surgiu como resposta a uma demanda apresentada pela Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura de Belo Horizonte sobre a possibilidade de trabalhar as relações étnico-raciais na primeira infância. A relação do homem com os demais seres vivos é abordada no percurso "Planeta e seus habitantes". Já o percurso "Aldeias" apresenta a riqueza cultural dos povos indígenas brasileiros.

Os percursos temáticos surgiram como possibilidades de visitas temáticas para grupos agendados; no entanto, com o passar do tempo, passaram a integrar a programação de atividades educativas aos finais de semana, adaptando-se a diferentes faixas etárias. Os percursos favorecem a interdisciplinaridade, conectando diversas áreas de estudo dos mediadores, além de serem recursos de integração de atividades (como oficinas e contações de histórias) e espaços (como o planetário e as exposições). Como resultado, permitem lançar mão de recursos pedagógicos diversos (histórias, imagens, músicas e intervenções teatrais)

⁶ Para que cada atividade aconteça, a equipe, a partir de referências teóricas e metodológicas sobre o tema, estabelece, conjuntamente: o nome da atividade; seus objetivos; a data e a hora em que será realizada; a estimativa de duração; o público ao qual a atividade se destina; o número de vagas; as pessoas responsáveis; os materiais necessários; e o local do museu em que a ação será realizada, se no espaço expositivo ou em sala de oficina. Essas informações são resumidas, compiladas pelo núcleo de comunicação e apresentadas em releases e peças gráficas para fins de divulgação.

e instigar o aprofundamento de debates e trocas de experiências com e entre os visitantes, a partir de articulações de sentidos. No caso dos grupos escolares, os percursos permitem ainda que a visita não gere uma sensação de incompletude quando não é possível percorrer toda a exposição, além de facilitarem a adaptação à temporalidade, linguagem e ludicidade próprias da infância.

Figura 3 - Registro do percurso temático “Território Negro”, realizado com grupo de escola da educação infantil de Belo Horizonte.



Fonte: Acervo do Espaço do Conhecimento UFMG.

Entre dezembro de 2016 e março de 2020, o Núcleo promoveu 191 atividades educativas como as descritas acima. A natureza e frequência dessas atividades pode ser observada na Tabela 1.

As atividades podem ser analisadas tendo-se em conta o número de vezes em que foram realizadas, se foram ofertadas por outra pessoa da equipe que não a idealizadora e o nível de engajamento da equipe em sua execução. Essas dimensões foram analisadas para cada uma das atividades, chegando-se à seguinte classificação: atividades com grau de consolidação baixo, médio e alto. Boa parte das atividades (80, ou 41,9% do total) pode ser considerada de baixo grau de consolidação, o que ocorre principalmente devido à alta rotatividade de mediadores na equipe, que muitas vezes ofertam atividades específicas de suas áreas de estudo durante o período em que estão no museu sem deixar registro do processo, o qual poderia ser replicado por outros bolsistas. Além disso, há atividades que acontecem uma única vez, a partir de temas propostos por instituições, como o Circuito Liberdade ou o IBRAM - Instituto Brasileiro de Museus -, para vários museus na mesma data, como o Natal, a Semana de Museus e a Primavera de Museus. São exemplos dessas atividades as oficinas “O solstício e as festas de fim de ano” e “O museu e o não dito”.

Tabela 1 - Número de atividades realizadas anualmente pelo Núcleo de Ações Educativas do Espaço do Conhecimento UFMG

Tipo de Atividade	Ano de realização			
	2016/2017	2018	2019	2020 (*)
Oficina de ciência e arte	38	101	60	21
Percurso temático	46	36	28	5
Contação de histórias	26	39	28	4
Exibição de documentário	11	12	10	0
Intervenção teatral	10	0	2	0
Sarau e Clube de leitura	8	9	8	2
Roda de conversa	2	3	1	0
Intervenção expositiva	2	0	1	0

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Espaço do Conhecimento UFMG.

(*) dados até 17 de março de 2020, quando o museu foi fechado em função da pandemia de covid-19.

Nota: No ano de 2018, o Núcleo de Ações Educativas ofertava duas atividades aos sábados e uma aos domingos. Em 2019, o Núcleo passou a dividir a programação de atividades de finais de semana com o Núcleo de Astronomia, por isso, o número de atividades ofertadas se reduziu entre os anos.

Cerca de 20% das atividades desenvolvidas possuem grau médio de consolidação, sendo essas as atividades concebidas por um ou mais mediadores e replicadas por diferentes membros da equipe. Muitas vezes, essas atividades são objeto de trabalhos desenvolvidos para apresentação na Semana de Extensão da UFMG, fazendo com que tenham uma metodologia mais elaborada e uma maior reflexão para o aprimoramento das ações. São exemplos dessas atividades o "Percurso temático História das Mulheres", a oficina "Invasores microscópicos: ao ataque!!!" e a oficina "Brincando de contar histórias".

Por fim, 38,2% (73 do total analisado) são atividades que se repetem há alguns anos no Espaço do Conhecimento UFMG, possibilitando-se, assim, a reflexão e o aprimoramento contínuos e a replicação por diversos mediadores. Um exemplo dessas atividades são os percursos temáticos, já mencionados. Outra atividade com alto grau de consolidação é a contação de histórias, ação que geralmente leva um grande público ao museu e possui um grande acervo de histórias acumuladas nesses anos. Dentre as contações de histórias, destacam-se aquelas relacionadas às cosmogonias, tratadas em instalação presente no terceiro andar do museu, que apresentam histórias sobre a origem do Universo e dos seres, criadas e narradas pelos diferentes povos⁷.

⁷ Já foram realizadas atividades de contação de histórias dos povos Astecas, Egípcio, Grego, Hindu, Incas, Maias, Nórdicos e Maori. Além disso, na atividade Histórias da África de A a Z, estão presentes os povos Akan, Bantus, Egípcios e Zulu. Há, também, a atividade "História das Aldeias", na qual são abordadas histórias dos Maxakali, Apinajés, Guarani-Mbyá e outros povos indígenas presentes no Brasil.

Figura 4 - Atividade “Contação de histórias nas Cosmogonias” realizada em 2019 com o público espontâneo do Espaço do Conhecimento UFMG.



Fonte: Acervo do Espaço do Conhecimento UFMG.

Formação de mediadores

Uma ação fundamental do Núcleo de Ações Educativas é o processo contínuo de formação da equipe sobre os diferentes temas presentes nas exposições, temas relacionados à divulgação científica e extensão universitária em museus e temas transversais, como relações étnico-raciais, questões de gênero, acessibilidade, entre outros. Essa formação conta com o envolvimento de docentes e pesquisadores da UFMG, convidados para encontros que ocorrem durante todo o ano letivo e para momentos semestrais de formação concentrada⁸.

Para além dos encontros de formação, os mediadores são expostos constantemente ao aprendizado proporcionado pelo contato com os públicos e entre si. O convívio entre mediadores veteranos e iniciantes durante a mediação e o incentivo ao desenvolvimento de projetos segundo as áreas de interesse dos estudantes são considerados partes fundamentais do processo de formação, que se dá pela reflexão conjunta e observação do conhecimento prático.

⁸ Uma vez por semestre, ocorre a Semana de Formação de Mediadores, com a participação de professores e pesquisadores da UFMG e de instituições parceiras, além de membros de outros núcleos de trabalho do Espaço do Conhecimento UFMG.

Figura 5 - Encontro de formação dos mediadores no quinto andar do Espaço do Conhecimento UFMG, com o tema “Jogos e brincadeiras teatrais”



Fonte: Acervo do Espaço do Conhecimento UFMG.

A prática educativa desenvolvida pelo Núcleo é também reflexiva, com o envolvimento e participação de todas as pessoas da equipe. São fundamentais nesse processo os momentos de compartilhamento das experiências de mediação, que acontecem nas reuniões para discussão coletiva de problemas e dificuldades que surgiram durante a visita de algum grupo ou no planejamento e na realização de alguma oficina ou atividade. Essa produção de conhecimento sobre a prática educativa no museu é registrada em artigos, relatos de experiência e trabalhos de conclusão de curso desenvolvidos por mediadores.

Parte dos trabalhos desenvolvidos pelos mediadores é apresentada anualmente na Semana do Conhecimento UFMG e integra a Mostra Virtual de Pesquisa e Extensão da Rede de Museus da UFMG. A formação dos estudantes se dá, ainda, a partir das trocas de experiências com educativos de outros museus e espaços de ciência e cultura, como o Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG (visita realizada em 02 de agosto de 2019) e o Instituto Inhotim (visita realizada em 18 de fevereiro de 2020). Nesses encontros, os mediadores de ambas as equipes compartilham práticas e desafios do processo de mediação, considerando a realidade de cada museu⁹.

⁹ Alguns exemplos são: Território Negro para infâncias: Contação de mitologias Afro-brasileiras (Oliveira, 2019); Relatos de Mediação: uma experiência em educação não formal no Espaço do Conhecimento UFMG (Maia, 2019); Contribuições de práticas de mediação museal no processo de formação docente em Artes: Licenciatura Expandida (Silva, 2020).

Figura 6 - Encontro das equipes educativas do Espaço do Conhecimento UFMG e do Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG, durante visita do Núcleo ao MHNJB.



Fonte: Acervo do Espaço do Conhecimento UFMG.

Formação de professores

A formação de professores também é um dos pontos de atuação do Núcleo. Além dos encontros de preparação das visitas agendadas, já mencionados, a equipe desenvolve o projeto “Educação na praça”, que consiste em encontros temáticos, realizados aos sábados pela manhã. As edições do projeto acontecem associadas à programação de exposições temporárias do museu, em geral explorando temas dessas exposições¹⁰. A equipe de curadoria das exposições, em conjunto com a equipe do Núcleo, elabora encontros de 2 a 3 horas, além de materiais de apoio, disponibilizados aos participantes. A atividade é gratuita e aberta a professores de escolas públicas e privadas de todos os níveis da educação básica, bem como a estudantes de licenciatura interessados pelo tema proposto. Esses encontros permitem aos educadores aprofundarem temas das exposições com suas turmas, além de favorecerem os processos pré e pós-visita.

¹⁰Em 2019, ocorreram 3 edições do projeto, relacionadas às exposições de curta duração Canção Amiga, Expedição Antártica e Mundos Indígenas.

Figura 7 - Registro de encontro formativo com educadores



Fonte: Acervo do Espaço do Conhecimento UFMG.

Mais recentemente, o Núcleo tem atuado na elaboração de materiais voltados aos educadores, participantes do projeto Espaço Aberto a Educadores (mencionado adiante). Estão previstos para publicação no segundo semestre de 2021: uma cartilha de apresentação do trabalho educativo do museu, com sugestões para os processos de agendamento, preparação da visita e pós-visita; e duas cartilhas relacionadas aos temas "Vacinas" e "Etno Fármacos", com conteúdos e propostas de oficinas para uso em sala de aula.

Estudos de público e acompanhamento de pesquisas

Outra importante ação desenvolvida pelo Núcleo são as pesquisas de público do museu. Conhecer o público e sua dimensão sociocultural é fundamental tanto para saber "quem está faltando" (Wagensberg, 2005) como para avaliar sua interação com os espaços e conteúdos e aprimorar o que é proposto. Nesse sentido, são realizadas pesquisas de caráter *quantitativo-qualitativo*, no formato de questionários, junto aos visitantes espontâneos e ao público das visitas agendadas¹¹.

O Núcleo também é responsável por autorizar, organizar, apoiar e registrar pesquisas externas referentes às atividades desenvolvidas no Espaço, além de garantir que seus resultados sejam apresentados à equipe do museu. Os resultados dessas pesquisas são fundamentais para o aperfeiçoamento das práticas, tornando-se material de leitura e análise pela equipe¹².

Acessibilidade e inclusão

O Espaço do Conhecimento UFMG busca tornar-se, cada vez mais, um espaço democrático, aberto e inclusivo aos mais diversos públicos. Leva-se em conta que a acessibilidade contribui para dar acesso a um público mais amplo, além de modificar e ampliar as possibilidades de uso dos espaços e das práticas nele desenvolvidas. Segundo a legislação vigente, entende-se acessibilidade como:

¹¹ As pesquisas de público são desenvolvidas com o apoio da Pró-Reitoria de Pesquisa da UFMG, por meio do projeto "Estudo de Público no Espaço do Conhecimento UFMG".

¹² Os resultados de pesquisas desenvolvidas no Espaço do Conhecimento UFMG podem ser acessados no link <https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/explore/midiateca/>.

possibilidade e condição de alcance para utilização, com segurança e autonomia, de espaços, mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informação e comunicação, inclusive seus sistemas e tecnologias, bem como de outros serviços e instalações abertos ao público, de uso público ou privados de uso coletivo, tanto na zona urbana como na rural, por pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida (Brasil, 2015).

O trabalho de mediação realizado no Espaço tem sido um facilitador da compreensão e da vivência multisensorial dos públicos, considerando suas diversidades. Para tanto, os mediadores realizam atividades de formação continuada focadas na quebra de barreiras atitudinais e comunicacionais relacionadas ao atendimento a pessoas com deficiência; além disso, contam com alguns recursos de tecnologias assistivas, como mapas táteis dos andares, impressora em braile e apoio de uma intérprete de Libras.

A equipe do Núcleo conta com uma intérprete de Libras¹³ e com bolsistas do PIPA (Programa de Apoio a Inclusão e Promoção à Acessibilidade, do Núcleo de Acessibilidade e Inclusão da UFMG), sendo responsáveis por refletir e desenvolver processos que favoreçam a acessibilidade no museu. Para além das formações e capacitação para a realização do atendimento ao público com deficiência que frequenta o Espaço, a intérprete e os bolsistas organizam encontros para compartilhar experiências e produzem materiais paradidáticos focados nas pessoas cegas, surdas, autistas, com mobilidade reduzida, entre outras.

Visando ampliar o conceito e as possibilidades de acessibilidade no Espaço, a equipe de acessibilidade desenvolveu uma sessão de planetário acessível em Libras. Outra importante ação do Núcleo com relação à acessibilidade é o projeto Sábado com Libras. Os encontros, que por um período aconteciam mensalmente, a partir da contratação de uma intérprete de Libras como parte da equipe, passaram a acontecer semanalmente, realizando-se neles oficinas, visitas mediadas e outras atividades relacionadas aos temas das exposições e à promoção da Língua Brasileira de Sinais.

Figura 8 - Imagem da sessão “Astronomia Indígena com Libras”



Fonte: Acervo do Espaço do Conhecimento UFMG.

¹³ Sessão "Astronomia Indígena com Libras", exibida gratuitamente no planetário do Espaço do Conhecimento UFMG.

Ações durante a pandemia

Diante da pandemia de Covid-19, a equipe tem enfrentado diversos desafios de adaptação das atividades e ampliação do alcance das ações para além dos limites físicos do Espaço do Conhecimento UFMG. Um dos projetos desenvolvidos nesse contexto é o “Espaço em Rede”, que busca criar alternativas de conexão, aproximação e troca com os públicos do museu pelos meios virtuais. Durante o ano de 2020, as ações do projeto consistiram na produção de vídeos de contação de histórias e de oficinas de produção de materiais. Desde março de 2021, o Espaço em Rede passou a incluir oficinas virtuais síncronas, por meio do Zoom, com turmas de grupos escolares e com o público espontâneo. Todas as atividades são gratuitas e com vagas limitadas, preenchidas por ordem de inscrição.

Entre abril de 2020 e maio de 2021, o Núcleo realizou 154 ações educativas nos meios virtuais, que envolveram vídeos para as redes sociais e YouTube, textos sobre temas diversos para o “*Blog do Espaço!*”, oficinas virtuais, entre outros exemplos. A natureza e a frequência dessas ações podem ser observadas na Tabela 2.

Tabela 2 - Número de atividades virtuais realizadas pelo Núcleo de Ações Educativas do Espaço do Conhecimento UFMG entre abril de 2020 e maio de 2021

Tipo de atividade	Frequência
Divulgação das atividades por meio de stories no <i>Instagram</i> do Espaço	62
Oficinas virtuais síncronas	8
Oficinas virtuais síncronas do projeto Sábado com Libras	3
Vídeos de Oficinas e Contação de Histórias	4
Vídeos da Visita Virtual à Exposição Mundos Indígenas	6
Vídeos do projeto Sábado com Libras disponibilizados no <i>YouTube</i>	25
Textos para o <i>Blog do Espaço</i> , incluindo coluna Espaço Aberto a Educadores	23
Relatos de experiências de professores para o <i>Blog do Espaço!</i>	3
Publicação Mundos Indígenas - Guia de Referência para Educadores	1
Outros projetos e produções	6

Fonte: elaborado pelo autores.

Figura 9 - Registro da oficina virtual “Os Sorielisarb - Quem são os outros?”, realizada em 2021



Fonte: Acervo do Espaço do Conhecimento UFMG.

Com o objetivo de manter o diálogo com os professores durante o distanciamento social, o Núcleo elaborou o projeto "Espaço aberto a educadores", que engloba uma coluna especial no "Blog do Espaço!", com textos especialmente voltados para esse público. A coluna publica, ainda, relatos de experiências de educadores que já visitaram o Espaço do Conhecimento com suas turmas. Ademais, o projeto visa estabelecer um canal de comunicação com os professores para a divulgação das ações do Núcleo. Isso acontece por meio de uma *newsletter* direcionada a esse público e por meio de uma lista de transmissão de mensagens no WhatsApp, que possui, atualmente, 257 educadores¹⁴.

Outra ação desenvolvida em 2020 foi o "Projeto Mirantes", que consistiu na produção de uma série de postais a partir de fotografias e relatos de alunos e professores da rede pública de ensino básico e de frequentadores dos Centros Culturais de Belo Horizonte. O projeto Mirantes integrou a Mostra Universidade Cidade e foi um convite à apropriação de paisagens da cidade a partir das janelas das casas, provocando os participantes a exercitar um olhar de viajante no seu cotidiano, durante o distanciamento social¹⁵. O Núcleo desenvolveu, ainda, em colaboração a outros núcleos de trabalho do museu, uma série de vídeos de Visita Virtual à Exposição Mundos Indígenas, disponível no canal do Espaço no YouTube.

Figura 10 - Registro do projeto Mirantes, desenvolvido durante a pandemia



Fonte: Acervo do Espaço do Conhecimento UFMG.

¹⁴ Informação de 28 de maio de 2021.

¹⁵ Os postais produzidos no Projeto Mirantes podem ser acessados em: <https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/mostrauniversidadecidade/projeto-mirantes/>

Como forma de dar continuidade ao processo de formação dos mediadores, o Núcleo manteve uma programação de atividades pelo Google Classroom, incluindo atividades em Libras, fóruns e outras atividades de formação da equipe. O Espaço se manteve com toda a equipe de mediadores, que, durante esse período, se empenhou no desenvolvimento de atividades e na participação em eventos virtuais, como a Semana do Conhecimento da UFMG, a Jornada de Extensão, a Marcha pela Ciência, a Semana de Museus, eventos com a temática de acessibilidade, entre outros.

Durante o período de distanciamento social, os estudos de público se voltaram às formas de interação e participação nas diversas plataformas virtuais em que o Espaço do Conhecimento UFMG se faz presente. Já o projeto "Sábado com Libras" migrou para as redes sociais, com contação de histórias, divulgação de conteúdos no YouTube e Oficinas Virtuais, ministradas em Libras e Português. O Núcleo também realizou ações acessíveis junto à atividade Descobrimo o Céu, desenvolvida pelo Núcleo de Astronomia, na Mostra Universidade Cidade. No Projeto Mirantes, mencionado anteriormente, foi inserida a audiodescrição das imagens dos postais, visando não apenas tornar acessível o conteúdo, mas também dialogar de forma poética com o público cego e pessoas com deficiência visual e baixa visão. Foi realizado também o suporte acessível em outros projetos da Mostra, como: inserção de legenda nos vídeos do projeto "Ars Nova", transcrições de imagens do projeto "Flores do Morro" e janelas de Libras nos vídeos do projeto "Janelas Afora, Portas Adentro".

Considerações finais

Ao longo da sua existência, o Núcleo de Ações Educativas, Acessibilidade e Estudo de Público do Espaço do Conhecimento UFMG busca construir uma prática educativa que acolhe a diferença, que se propõe ao diálogo, que está aberta a experimentar e a se reinventar, que procura ser emancipatória, tendo como base a horizontalidade necessária para o processo de troca de saberes entre os públicos, os mediadores e toda a equipe do museu. Tal prática busca contemplar as diversidades dos sujeitos visitantes, usando abordagens e métodos variados não só para cativar, mas, principalmente, instigar.

Como principais desafios enfrentados, ressaltam-se a formação da equipe em um contexto de alta rotatividade, bem como as dificuldades de rompimento com um modelo de divulgação científica baseado no distanciamento entre a ciência e o público (Castelfranchi, 2008), modelo este predominante nas práticas acadêmicas e escolares. Tais desafios surgem constantemente no cotidiano da mediação e são respondidos por diferentes movimentos na direção do protagonismo dos visitantes.

Por outro lado, entende-se que a proposta curatorial do Espaço do Conhecimento UFMG abre espaço para um trabalho educativo em consonância com as diretrizes contemporâneas da extensão universitária e da educação não formal, permitindo a elaboração e reelaboração de ações inovadoras e criativas, estabelecidas na interação dialógica. O amparo para essas ações está tanto na constituição da equipe do museu quanto nos discursos das exposições, que enfatizam narrativas críticas e múltiplas da produção do conhecimento.

Quando o retorno às atividades presenciais for possível, compõem os objetivos do Núcleo a ampliação do alcance de suas ações por meio da itinerância em escolas e instituições que desenvolvem projetos junto à juventude, além do desenvolvimento de um projeto de ações voltadas ao público idoso.

REFERÊNCIAS

- Brasil (2015). *Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015*. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm
- Carletti, C. (2016). *Mediadores de centros e museus de ciência brasileiros: quem são esses atores-chave na mediação entre a ciência e o público?*. Tese (Doutorado Ensino em Biociências e Saúde). Rio de Janeiro, RJ: Fundação Oswaldo Cruz.
- Castelfranchi, Y. (2008). Para além da tradução: o jornalismo científico crítico na teoria e na prática. In: Massarani, L.; Polino, C. (Orgs.). *Los desafíos de la evaluación del periodismo científico en Iberoamérica: Jornadas Iberoamericanas sobre la Ciencia en los Medios Masivos*. Madrid, Espanha: Cytel.
- Castelfranchi, Y. (2010). Por que comunicar temas de ciência e tecnologia ao público? (Muitas respostas óbvias... mais uma necessária). In: Massarani, L. (Org.). *Jornalismo e ciência: uma perspectiva ibero-americana*. Rio de Janeiro, RJ: Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz.
- Castelfranchi, Y. (2016). O museu como catalisador de cidadania científica. In: Amorim, L., Massarani, L., Neves, R. (Org.). *Divulgação científica e museus de ciências: o olhar do visitante*. Rio de Janeiro, RJ: RedPOP/Museu da Vida.
- Fórum dos Pró-reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. (2012). *Política Nacional de Extensão Universitária*. Manaus, AM: Autor.
- Gohn, M. G. (2006). Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. *Ensaio: avaliação e políticas públicas em educação*, 14(50), 27-38.
- Guimarães, A. D.; Diniz, S. C. (2019). Equipamentos culturais, hábitos e território: um estudo de caso do Espaço do Conhecimento UFMG. *Urbe - Revista Brasileira de Gestão Urbana*, 11, 1-16.
- Maia, L. N. (2019). *Relatos de Mediação: uma experiência em educação não formal no Espaço do Conhecimento UFMG* (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil.
- Marandino, M. (Org.). (2008). *Educação em museus: a mediação em foco*. São Paulo, SP: Universidade de São Paulo.
- Secretaria de Estado da Cultura (2006). *Caderno de diretrizes museológicas* (2a ed). Brasília: Ministério da Cultura / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/ Departamento de Museus e Centros Culturais, Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/ Superintendência de Museus.
- Moraes, R. et al. (2007). Mediação em museus e centros de ciências: o caso do Museu de Ciências e Tecnologia da PUCRS. In: Massarani, L., Merzagora, M., Rodari, P. (Org.). *Diálogos & Ciência: mediação em museus e centros de ciência*. Rio de Janeiro, RJ: Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz.
- Oliveira, F. A. R. (2019). *Território Negro para infâncias: Contação de mitologias Afro-brasileiras*

(Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil.

Pereira, J. S. et. al. (2007). *Escola e Museus: diálogos e práticas*. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura/Superintendência de Museus; Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais; Cefor.

Santos, M. C. T. M. (2002). Museu e Educação: conceitos e métodos. *Ciências & Letras - Revista da Faculdade Porto Alegre*, 31, 307-323.

Silva, P. G. N. (2020). *Contribuições de práticas de mediação museal no processo de formação docente em Artes: Licenciatura Expandida* (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil.

Síveres, L. (2013). O princípio da aprendizagem na extensão universitária. In: Síveres, L. (Org.). *A extensão universitária como princípio de aprendizagem*. Brasília, Brasil: Liber Livro.

Soares, O. (2015). Reflexões sobre a relação museu-escola: na direção de um museu permeável. *Educação Online*, 18, p. 27-44.

Sposito, M. P. (2008). Juventude e Educação: interações entre a educação escolar e a educação não-formal. *Educação & Realidade*, 33(2), 83-98.

DATA DE SUBMISSÃO: 16/11/2021

DATA DE ACEITE: 25/11/2022